



Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 30 de julho de 1854 – Edição 31

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00031.pdf

3° ANNO.

TOMO VI. — DOMINGO, 30 DE JULHO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS.

A semana passou-se em ver sedas novas chegadas no ultimo vapor inglez, ás primeiras casas da rua do Ouvidor, entre as quaes sobresahcm, com toda a razão, a de Wallerstein — M.^{mes} Hortense Laccarrière, Dazon e Filho — Alexandre Castel, e Pantaleão e Faria.

Em ver, ou antes em admirar os verdadeiramente elegantes e lindissimos enfeites, as rendas, os blonds, as flores, e todos os mais adoraveis adornos que fluctão nos dourados cabides das luxuosas prateleiras da casa Barat.

Em escolher fazendas para dous ricos enxovaes... de casamento, já tereis adivinhado; mas o nome das noivas não vos digo, porque é segredo que me pedirão muito seriamente: sabel-o-heis mais tarde.

Em pôr de mão as lindas sedas que hão de estrear no proximo baile do *Cassino*.

Em discutir se os vestidos de manto devem ou não entrar em moda nas apresentações formaes do Paço, ou se sómente nas grandes reuniões de côrte.

Em contestar a moda da saia de crina, a qual de novo retomou seu antigo predomínio na grande roda que ostenta os vestidos hoje em Pariz. E havia razão de contestar a moda. Se a saia não for de um tecido superior e muito bem feita, expõe-se a senhora, que della servir-se, a ficar mal vestida desfigurando-se com defeitos que Deus não lhe deu.

E assim correrão os dias, e nenhuma novidade especial appareceu.

A não ser os vestidos de baile, cujos enfeites têm toda a novidade e galanteria na delicadeza e perfeição do seu trabalho, o mais está nos mesmos talhes e disposições.

Nos vestidos de fazer visitas e nos de passeio, é no bom gosto das sedas que está sua distincção e na fantasia das mangas.

Parece que a moda quer nos impor, á toda a força, o reinado das mangas, á vista do capricho com que esmera-se em talhal-as. E com effeito, se attendermos um pouco á collecção de figurinos de certo tempo para cá, conheceremos esta verdade: ha no talhe das mangas uma variedade consideravel.

Não sei quem, já em outro tempo, fez consistir a moda no grande bico dos vestidos; usárão-se bicos que fazião medo ás proprias moças; não é muito que a moda capriche hoje em favorecer as mangas collocando-as no galarim do bom-tom, com todas as diversas fórmulas que lhes tem dado. Por mim, mil vezes antes as mangas com todas as suas distribuições, que um bico daquelle tempo!

Entretanto — lá e cá más fadas ha; se os bicos são exagerados, os vestidos de muita roda

com saia de crina, se não houver cuidado e gosto, mais exagerados serão. Felizmente a moda principia agora, e as saias de *carregação* ainda cá não chegarão tão brevemente que nos assuste a sua invasão no circulo das senhoras inexperientes, que, sómente por ouvirem dizer que é moda, são capazes de comprar aos mascates qualquer tecido de peneira por saia de crina da moda.

Eu sigo sempre o meio termo, querida leitora: entendo, cá para mim, que a muda de desfigurar, para mais ou menos, a gentileza do corpo, é negocio serio na revolução das modas actualmente. A elegante do anno de 1854 não deve remontar seus caprichos ao tempo das *anguínhas*, copiando delle o que mais improprio lhe póde ficar. — *Continuar-se-ha.*

Agora vamos á segunda parte deste artigo — que são os diversos figurinos da nossa estampa de hoje. Que suspiro tão de dentro do peito não arrancará o lindo figurino de noiva — das solteirinhas que o mirarem!... Que secreto prazer não sentirão aquellas cujos sonhos dourados de uma proxima ventura se vão realisar amanhã ou depois, proferindo o desejado *recebo a vós*, com esses olhos de amor e modestia pregados na fimbria do tapete do santuario,

a mãozinha tremula e o coração offegante; mas ao lado do objecto querido, adorado, ambicionado, ha tanto tempo!... Oh! isto é alegria que se não explica. E' o dia mais feliz da mulher, se a sua livre vontade determinou a escolha do seu coração.

O figurino tem um novo talhe de vestido, queridas leitoras; mas deveis notar neste, como em todos os mais deste genero que vos tenho dado, que os vestidos são afogados, e não decotados, como geralmente está em uso entre nós. A razão desta differença é porque em França ha o bem entendido costume de confessarem-se as noivas, commungarem e ouvirem missa, no mesmo dia do casamento, o qual é sempre celebrado de manhã; voltão para casa e mudão de vestido para assistirem ao jantar, que é quando se apresentam então em corpo. E' este um ceremonial que, se eu pudesse decretar, ha muito estaria em vigor, ao menos quanto á sua primeira parte.

O segundo figurino é de uma menina que vai receber a primeira communhão: este vestuario já está em uso entre nós. Por vezes tenho presenciado com prazer no majestoso templo do convento de Nossa Senhora da Ajuda a edificante solemnidade da primeira communhão de muitas meninas lindamente trajadas nesse gosto especial.

Ai! que falta! Ora ahi tendes, querida leitora, como se pecca involuntariamente. Prometti domingo passado declarar-vos a minha opinião a respeito das novidades dos bailes, e infelizmente sou obrigada a faltar á promessa ainda esta vez! Paciencia.

Também, se eu só fosse a escrever todo o *Jornal das Senhoras*, ha muito que vos terieis enfastiado delle.

Relevai-me pois a falta, e continuai a estimar a vossa

Christina.

Catete, 27 de Julho.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE NOIVA. — Vestido de nobreza branca; saia enfeitada de dous folhos guarnecidos de fitinhas de encrespar; basquine afogada: as mangas e a basquine são recortadas e enfeitadas da mesma fita de encrespar.

Sub-mangas fechadas com um punho muito alto e guarnecido de uma renda ponto de Inglaterra; collarinho de ponto de Inglaterra.

Véo quadrado de filó de linho liso. Grinalda e ramo, de flores de laranjeira.

VESTUARIO DE PRIMEIRA COMMUNHÃO. — Vestido de fóra, de nobreza branca, e por cima um vestido de caça branca de duas saias enfeitadas, cada uma, de duas ordens

de entremeio de renda *guipure*. Corpo afogado, de cintura redonda, todo enfeitado de fofinhos de caça e entremeio de *guipure*.

Mangas compridas de fofos.

Cinto de fita branca, de pontas compridas.

Véu de filó liso. Grinalda branca de rainha Margarida.

VESTUÁRIO DE CRIANÇA — Vestuário de veludo preto enfeitado de nobreza azul.

Calça e camisa de cambraia bordada enfeitada de renda maline.

Meias de seda preta e sapatos de veludo.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

N.º 1. — Collarinho bordado a ponto real.

N.º 2. — Collarinho em bordado brasileiro.

N.º 3. — Tira para saia, em bordado brasileiro.

N.º 4. — Tira bordada para mangas, bordado a ponto real e ponto inglez.

N.º 5. — Ramos soltos para fofos bordados de mangas, a ponto real e ponto inglez.

N.º 6. — Entremeio, em bordado brasileiro.

N.º 7. — Tira, bordado inglez e festão.

N.º 8. — Lenço bordado a ponto real.

N.º 9. — Tira para saia, bordado inglez.

N.º 10, 11, 12, 13 e 14. — Cantos de lenço e firmas, a ponto real.

N.º 16. — Figura de mangas modernas.

N.º 18. — Touça de cambraia, bordada a ponto inglez.

N.º 19. — Molde de vestidinho de criança, bordado inglez.

N.º 20. — Molde de camisinha de criança.

— 243 —

AMOR, CIUME E VINGANÇA.

NOVELLA BRASILEIRA.

(Continuado do n.º 30.)

IV.

Em uma sala ricamente adornada de uma casa situada no Botafogo, estava uma joven senhora melancolicamente debruçada sobre um canapé. Uma lampada acesa, collocada em cima de uma mesa, esclarecia a sala, debuxando nas paredes mil objectos diversos , mil differentes sombras, que entretanto parecião todas, como de acordo, exprimir o mesmo pensamento triste que animava aquella senhora. O murmurio das ondas que vinhão morrer sobre as arêas da praia echoava ao longe, unindo seu rouco gemido á dor que inspiravão daquelle momento os objectos que acabamos de descrever.

Ella ergueu-se um pouco, olhou para o relógio, que repetiu no mesmo instante nove horas, e desfazendo-se em pranto abriu um papel, que apertavão seus dedos de rosa, que ensopavão suas lagrimas de perolas....

— E’ meu unico consolo esta carta de minha mãe! Pobre mãe!... E por tua causa é tão infeliz tua filha... Mas é sonho a existencia, venhão ainda algumas horas, e todos nos reuniremos.... sem duvida em mais afortunado lugar. E’ sua letra esta, escripta por suas proprias mãos, negada por seu proprio pranto na hora derradeira, a entrada do sepulcro.

« Minha filha, consente que a alma de tua mãe communique ao menos á tua um dos seus pensamentos. Recebe o meu coração, que vai cessar de bater, está ternura para com teu pai, que foi minha unica felicidade no mundo. Nunca me conhecerás, porque breve descerei ao tumulto. Eu era pobre, orfãa, abandonada; e teu pai soccorreu-me, salvou-me. Ha no seu coração thesouros de amor e de affeição que valem mais que as riquezas que me elle deu; fica a teu cargo o pagamento dessa divida de reconhecimento e de amor,

« Oh! rogo-le por piedade, cumpre meu ultimo voto, a minha supplice derradeira, faze devo pela felicidade daquelle a quem eu tudo devo, e as benções de tua mãe descerão sobre ti do Céu, onde eu vou rogar por ambos. Tua mãe. »

— Minha pobre mãe!

— Matar-se-hia elle acaso! Talves!... Fica-me entretanto a gloria de haver cumprido o meu dever. Mas este coração que por elle sempre palpita, este coração em que elle domina como um Deus em seu templo, como póde assim esquecel-o!

E foi pouco a pouco deixando cahir a cabeça abrasada sobre o travesseiro. Seus olhos, como que cansados, e procurando repouso, fechárão-se levemente. Um minuto de somno, porém, bastou para mais viva lhe tornar ainda a lembrança de uma vida de dores, de um seculo de pezares. Aquelles que são agitados pelo amor, em identicas circumstancias, accumulão todas as penas do passado. A consciencia, infinita como o espaço, abraça então pelos pensamentos males sem fim, sem nome, e sem esperanza...

Abriu-se de repente a porta da sala, e entrou o marido de Maria, que chegava de uma longa viagem á serra, aonde fôra para negocios commerciaes.

Maria accordou sobresaltada pelo rumor reconheceu seus esposo, quiz lançar-se em seus braços, mas uma força irresistivel a deteve, remorsos que então se manifestarão, porque ella não tinha pensado uma só vez nelle, porque nem um pensamento, que lhe escapára, pertecia a aquele a cujos destinos estava a sua sorte encadeada.

O marido, porém, pensando ser aquillo effeito de um pudor natural, a mais bella das qualidades com que mimoseou o Eterno o sexo feminino, foi a seu encontro, abraçou-a....

— Oh! se soubesses, disse-lhe elle, se soubesses que teu esposo prestes esteteve a ser assassinado, que um homem salvou-o, esse homem te conhece, sem duvida que lhe consagrarias a mesma amizade de que, desde aquelle momento, consagrei-lhe eu.

— Esse homem?...

— E' Adolpho!

— Adolpho?

— Sim; e a bem custo veio commigo passar alguns dias em minha casa. Amanhã o verás.

— Vêl-o! ainda uma vez!...Oh! meus bellos sonhos, meus lindos sonhos da infancia, tornaréis acaso?

V.

Era Julio um moço do tom: vestia-se admiravelmente, ia a todas as sociedades, a todos os bailes, por todos estimado, e até pelas damas adorado. Ninguem melhor do que elle podia contar factos os mais minuciosos, acontecimentos os mais pequenos que tivessem passado no seio das familias. Tudo sabia, tudo narrava, e tudo criticava; era, portanto, Julio considerado o typo do bom gosto pela bello sexo, que fallava procurava novidades. Tinha sido amigo de infancia de Adolpho, e confidente de seus amores. Um dia encontrou-o elle em uma das ruas da cidade, depois de quasi dous annos de ausencia. Custou a reconhecer-l-o. Seu rosto macilento e pallido, seus olhos encovados, com sentimento profundo de dôr desenhado em toda a sua physionomia, o havia totalmente mudado.

Oh! que prazer não é encontra-se dous amigos depois de largo ausencia, abraçar-se, contar-se mutuamente seus successos! Entretanto, nem Adolpho, nem Julio o sentirão. O primeiro se havia feito misanthropo, e o ultimo prezava mais os divertimentos do que a amizade. Depois de trocar-se algumas palavras sobre o seu estado

presente, Julio perguntou-lhe se ainda amava Maria...

— Se ainda a amo!... Oh! que não; hoje a odeio; foi minha vida, essa extinguiu-se; foi minha alegria e já eu a não sinto; foi meu orgulho, meu unico pensamento, minha felicidade de todos os instantes, e para mim já se não antolha ventura sobre a terra. Mas muito soffri, meu caro amigo.

— Assim o creio. A experiencia compra-se com a dôr. Vem o homem ao mundo com virtudes e paixões; aquelle que é dotado de espirito deixa de parte ridicularias, e paga sempre na mesma moeda. No principio, porque ella passou-se aos braços de outro, quizeste-te matar. Que asneira! Nessa posição, o homem que sabe viver faz-se amigo do marido, e admittido na intimidade da mulher....

— Acaso te hei eu dado o direito de me não acreditares homem de bem! Amei-a com toda a pureza da alma, com toda a ingenuidade do coração; amor destes nada tem de material; é um sentimento profundo, filho da imaginação que soffre, do pensamento celeste que eleva o homem ao Creador. Abusar da sua candura, aproveitar-se da sua infelicidade, fazel-a esquecer seus deveres de esposa, é o mais vil de todos os crimes, e a sociedade não deve nem pôde tolerar-o.

— A sociedade brasileira, meu amigo, está mais civilisada do que pensas; adquiriu novas idéas, principios modernos importados da Europa. O tempo, aperfeiçoando tudo, banuiu do amor todo o sentimento moral... Em vez da affeição, ha egoismo, e tudo se occulta com a capa da hypocrisia...

— Mas há ainda homens de bem, que sabem apreciar e conservar sentimentos nobres.

— Hoje? illusão! Se tu não souberes aproveitar as lindas circumstancias em que te achas para com Maria, outros a vingarão desse teu desprezo.... far-te-hao-as vezes...

— Pois que ousem! Desgraçado para sempre será aquelle que se atrever a perturbar seu socego, que levar suas pretensões ao ponto de amal-a. Eu saberei defendêl-a, vingar-me cruelmente!...

— Ainda tens ciumes? Então, meu amigo, tu procuras illudir-te a ti mesmo..... Ainda a amas.

— Eu amal-a ainda? Enganas-te, Julio. Hoje eu a odeio, aborreço e desprezo.

(*Continúa.*)

BALLADA.
AISOLINO E ISOLINA.
(Continuado do n. 50.)
CANTO VI.

O cavalleiro sem pagem,
D'armas negras e corsel,
Era Aisolino perjuro,
Era Aisolino infiel.

Era Aisolino que a morte
Houve á traição invocado,
Era Aisolino, que a morte
Havia d'elle zombado.

Era o guerreiro Aisolino,
Cavalleiro deshonorado,
Que manchou as nobres armas
Pelas quaes tinha jurado.

Era o perjuro Aisolino
Que, sem saber onde ia,
Para o velho, antigo castello
Seu ginete conduzia.....

CANTO VII.

A fraca, tristonha lua,
Baça luz tinha occultado,
Lançando em profundas trevas
O castello arruinado.

Trotava o negro ginete,
Perdido estava Aisolino,

Eis que ferem seus ouvidos
Roucos sons de perto sino.

Esbárra o corsel com força,
Ao sino presta atenção,
Conta ligeiro as pancadas,
Ouve dez, suspira então.

Desperta a antiga lembrança,
Conhece da infancia o lar,
Recorda á hora tremenda
Que o juramento foi dar.

Horrorisado, convulso,
Arranca afoito o punhal,
— Morra! brada o vil perjuro,
“ Cavalleiro desleal!!! ”

Levanta o ferro homicida,
Seu peito vai traspassar,

— 245 —

« Mas não!... exclama, é fraqueza...
« Assim não devo acabar.

« Aos pés da bella Isolina,
« Aos pés da virgem constante,
« Ha de Aisolino punir
« O fraco, o covarde amante.

« Ha de dizer-lhe: Isolina,
« O desleal cavalleiro
« Vem punir, como merece,

« Quem de ti zombou primeiro.

« Aquelle, que tanto amavas,

« Que firme amor te jurou,

« Foi traidor..... na Palestina

« Suas juras quebrantou.

« Mas o traidor Infância

« Jurou punir-se a teus pés;

« É vem cravar em seu peito

« O seu punhal vezes—dez— »

Bate, a porta do castello

Abriu-se, Aisolino entrou,

Mudo silencio encubriu

O que dentro se passou.

Ayres da Serra de Souto Maior.

MINHAS DISTRACÇÕES.

A ASSEMBLÉA DOS RATOS.

(Continuado do n. 29.)

Procurou então vencer a altura que do chão o separava ao cimo da commoda, e encontrou bem perto desta uma cadeira que tinha em cima uma cesta, pela qual podia subir ás laranjas com toda a facilidade. Ora, chegado que fosse ao *alto* desejado, deitaria em baixo as cheirosas fructas, e as carregaria rodando-as pelo chão a pol-as em seguro, e tornaria, para obter juntamente o pão; tudo isto se faria em breve e sem ser presentido pelas sentinellas que dormião descuidadas, cançadas de tão assidua vigilia. Subiu com precaução o primeiro alto de sua escada improvisada; quando ali se viu pôde melhormente devassar com a vista todo o recinto, e seus olhos se encaminhãrão logo para o toucador. Não havia duvida; um grosso pão ali estava transbordando a circumferencia de um prato de porcelana. Ah! que felicidade possuir aquelle thesouro!... Estimulado pela cobiça, subiu com mais coragem á borda da cesta; e sem mais deter-se ia já a formar o pulo com que devia galgar a *altura* que se achava tão perto, quando um falso passo, que quasi o expoz a cahir, o fez olhar para dentro da caixa de palha. Sua surpresa

foi de prompto a mais feliz, vendo dentro desta envolvido em um panno um grande coco, que, apesar de não saber se estaria partido, era um novo prazer para elle, que andava explorando achados. Salta dentro da cesta, certo de poderar-se do coco, e consequentemente das *laranjas* depois; e quem sabé se de mais alguma cousa que a caprichosa fortuna lhe iria descobrindo? A felicidade lhe fortalece o animo — já não se lembra de nenhum perigo. O coco estava aberto de um lado; era uma pequena abertura por onde só póde introduzir a cabeça; e ei-o, esse grou de nova especie, tirando o espinho da garganta do lobo. Todavia, quando ali foi entrar, era sómente para assegurar-se se o fructo merecia a pena de ser transportado: mas, á vista da cheirosa massa dessa esphera de casca, o sabio capitão dos ratos não póde vencer seu espontanco appetite. Além disso, comer um poucachinho desse gostoso fructo não era defraudar a sociedade, e seus subordinados tinham muito de que indemnisar-se dessa inutilidade que elle ia gastar em seu proveito, como o gozo dos haveres descobertos, e que bem depressa irão entrar em sua póssessão, graças aos seus esforços. Assim reflectindo, lava novos incentivos aos seus desejos gastronomicos; e, pois, comeu quanto póde da polpa nevada. Quando se sentiu, emfim, saciado, quiz sahir de dentro da bojuda fructa; porém, por mais esforços que fez, foi aquella quela de casca mais cruel que o mesmo lobo. Que fazer? Achava-se n'uma apertada situação: tinha metade do corpo dentro do coco, e só com os pés que lhe restavão fóra não podia defender-se do perigo.

Por mais que procurasse um meio de sahir dessa ratoneira seductora, seus esforços erão inuteis; té que no meio do redemoinho que fez, vendo se vencia a sahida, deu com a cesta em terra, e a fez rolar com o coco até ao corredor fronteiro. Então, trabalhando sempre para sahir dessa rude prisão, foi rodando por quartos e salas fazendo um ruido semelhante aos passos de uma pessoa de botas; porque o prudente rato, apesar da afflicção em que se via, não perdia a precaução de andar cauteloso. Os moradores da casa acordarão com o motim, e sorprendidos com tão extranha bulha n'uma hora tão avançada da noite, ignorando a causa, ião já a gritar — soccorro! — quando um *preto*, descobrindo o motivo do barulho, foi mostrar a seus senhores assustados o malafadado *capitão-mór pelludo*, que transformado contra a sua vontade em kagado rodava sua caixa pelas escadarias com estrondo horrivel. Uma explosão de hilaridade succedeu ao panico: temor dos espectadores dessa *desgraça* tão comica; e cada qual procurou augmental-a ao pobre rato. Um atirou-lhe um pontapé que o

fez rolar quatro degraus da escada; e sua queda foi recebida com novas gargalhadas; outro deu-lhe com um páu pelas pernas para o fazer girar dentro do seu caixão; outro, emfim, o agarrou pela cauda, suspendendo-o no ar e atirou com força á parede. Quebrou-se a *eidra* de páu, e, como não era a *terceira* do amor, em vez de sahir della uma bella princeza, foi um rato que fugiu espavorido do seu tenebroso encanto.

Depois da occurrencia que acabamos de descrever, o leitor julgará que o velho rato cedeu á prudencia que o aconselhava de aproveitar-se desses desastrosos acontecimentos para mais não continuar na espinhosa missão de que se havia encarregado. Qual! para os cobardes não ha perigo que os assuste quando a cobiça os incita.— Lá nesse quarto historico estavam laranjas e pão que lhe acenavão risonhos. Eil-o pois outra vez em campo. O aposento conservava ainda a mesma desordem que lhe havia feito seu nocturno visitante; e pois o bichinho veio encontrar a cadeira tombada e a cesta cahida, de quê já se não lembrava; portanto era inutil pensar em subir a commoda onde estavam as laranjas. Cumpria, urgido pelas circumstancias, voltar todas as suas invenções para a possessão do pão — era bem mesquinho achado comparando com as delicias perdidas! Mas, na impossibilidade de gozar de tudo que lhe era vedado, resignou-se a possuir o humilde fermento.—Ha muita gente que pensa tambem com a mesma prudencia. Depois, a subida para o toucador era facil: porque poder-sehia servir como escada de uma toalha que estava pendurada ao lado desto, e descer do mesmo modo trazendo o pão; correria logo á entrada da *cova*, que perto ficava, e apesar de mesquinho espolio, todavia bem grande lenitivo seria para o povo esfaimado que elle governava. Depois de assim discorrer, o seguro que o socego que reinava se prolongaria, determinou-se a dar o primeiro passo á sua ascensão. Subiu... A toalha estava presa á um gancho na parede; impellida por essa força estranha, esticou; e, com o movimento que fez o saltimbanco nocturno, balançou fazendo estremecer o pelludo chefe, que se lembrou quando assim o tiverão no ar dentro do coco. Todavia recobrou o animo e continuou a arriscada viagem.

Ah!... eil-o no cumulo da alegria!! De um só pulo salta sobre a mesa, e seu focinho toca no pão cobiçado, que para maior ventura é dobradamente maior do que lhe havia parecido olhando-o de baixo.— Emfim, pensou o rato, tantas fadigas vão ser de algum modo recompensadas nesta noite. Com o tremor da alegria, sente renascer suas forças de joven, e, impaciente por possuir essa fortuna por que havia soffrido tantas angustias, pensou em executar a descida mais promptamente do que sendo pela toalha. A fortuna quando chega de repente, sem ser esperada, torna loucos os seus escolhidos: quem ha que não tenha visto um pobre de hontem esbanjar em pouco tempo uma fortuna que faria a abastança de algumas familias? Assim, o rato, feliz na sua primeira gymnastica, achou-se com forças de executar outra ainda

mais difficil. E pois, péga com os dentes na massa, e vai vencer de um salto o espaço que o separa do chão, e..... Um grande estrondo se ouve no quarto; era o rato com o seu fermento que fôra tão desasnado no seu salto! A bulha acorda a gente primeiro que os gatos, e quando o pobre aventureiro, ainda tonto da quéda, quiz fugir, foi atacado por uma forte pedrada dada por mão tão certa, que o derreou; e ficaria assim esmagado, se o extremo perigo em que se achava lhe não dêsse a força de fugir por entre um chuveiro de pauladas que o acompanhou até a porta da *cova*. Derreado, sentindo uma forte dor no lombo, apalpou-o. — Ai! elle estava sem cauda! ella tinha ficado em troféu no campo inimigo!... Que mágoa! que dôr!... Então já em seguro, vendo a sua derrota completa, não tendo mais esperança de remediar tantos males, quiz, antes de entrar para o interior da sua habitação, contemplar o theatro de suas desgraças, e ver se podia divisar quem atirava golpes tão certos.... Chegou-se para isto bem perto da entrada do buraco, e logo ali deparou com uma linda moça de feições as mais delicadas, de olhos côr do céu, de cabellos em anneis, segurando em uma delicada mão a pedra mortifera que aleijava ratos, esperando com attenção o momento em que pudesse ainda atiral-a com vantagem sobre o pobre estropcado, cuja tardança contrariando-a, essa maligna impacienzinha animando suas feições, a tornavão bella como um anjo de paz e de consolação. Ferido por tão singular contraste, o bichinho exclamou gemendo dolorosamente: « Ah! o homem, o homem, tanto mais cruel quanto é mais superior entre todos os animaes, leva seu egoismo á tão alto ponto, que gozando de todas as vantagens da vida, nega os seus sobejos aos outros viventes que a natureza collocou tão abaixo d'elle! Faz o mal com prazer; a destruição é para elle um gozo, e raramente em suas feições se desenhão os traços de sua maldade!...

Quando se espalhou a noticia da desgraça do general dos ratos, seus compatriotas não lhe quizerão dar credito. A injustiça e ingratidão do povo é universal: até nos ratos! A historia das pedradas e das contusões foi tudo duvidoso para os velhos, e ridicularisado pelos jovens.

— Ensinaí-nos o caminho da despensa, velho tonto, que mereceis deixar o pescoço onde deixastes a *cauda* e o *ferimento*.

Tanta ingratidão não podia achar indifferença no coração desse ancião pello, que tinha levado uma longa vida no respeito e acatamento de todos os ratos. Cahio doente de dor, e morreu de fome! Antes de expirar reuniu pela ultima vez seu conselho, e todos os ratos juntos em redor do moribundo com o recolhimento que lhes inspirava tão solemne momento ouvirão os seguintes dictames:

— Meus amigos, lhes disse compassadamente essa augusta victima da patria ratall, largos annos tenho vivido, e a fortuna e prosperidade de mãos dadas cobrindo-me de seus favores, fazendo-me gozar de todas as delicias da vida, deixava-me na molleza descuidar do

futuro. Assim, pois, imprevidente nunca pensei que chegasse um dia a ter fome. Despendi todos os meios que

— 247 —

me havia deixado os meus antepassados, exaurirão-se os que eu mesmo havia também procurado, e eu tarde senti quanto ephemeros são os recursos que a ociosidade procura. Todos os outros animaes achão pela industria seu sustento. Esse assiduo trabalho, da formiga e da abelha, que tem dado materia a grandes discursos dos homens, nos deve rebaixar muito na escala dos animaes, pelo vergonhoso meio que temos de nos sustentar. A maior parte dos animaes serve de utilidade ao homem, nós somente somos-lhe prejudiciaes. Por isso se esforço elles em perpetuar-lhes a raça, emquanto que a nós tratão só de nos destruir. Ah! aproveitai os avisos de um moribundo, ó meus queridos companheiros; reformai vossos modo de viver, se não por virtude, ao menos, por assegaral-o na duração; ensinai á vossos filhos a prezar uma occupação util que venha a ser-lhes proveitosa, e que, tirando-lhes a liberdade de obrar inconsideradamente, tenha o poder de imprimir-lhes no coração o sello da prudencia e da sabedoria, unicos bens que só o trabalho e applicação podem dar-nos !.....

(*Continua.*)

CORREIO DOS SALÕES

— Já sei que ides ficar mal commigo, minhas leitoras; vós que me mereceis todos os sacrificios, todas as privações. Mas que quereis? Sinto-me indisposto para escrever alegre, estou sob o peso esmagador de um sonho que attribuo-me todo o dia de homem, toda esta noite que me pareceu um seculo! Bem sei que não sois responsaveis por isso, e que nem o *Correio do Salões*, tem culpa, para soffrer com os meus soffrimentos. Mas eu não sei se alguem já disse que os escriptos são a alma do poeta. Ella a identifica com seus cantos, retrata-se em suas pinturas, refere-se em suas descrições e grava os sentimentos de sua alma em cada pagina de seus livros, em cada lettra de seus escriptos. E a expansão suave de suas dores, a confidencia intima de seus sentimentos, o segredar de suas paixões cuja força e cegueira elle quer pintar no colorido das expressões, e no correr trêmulo das letras. E' assim. E' por ue elle ri em paginas, brinca em um paragrapho, e chora em uma oração!

Pois bem; eu quando caio nessa especie de calmaria volcanica, isto é, quando a serenidade do rosto não trahe o fogo dos sentimentos, e o riso sem sabor da indifferença disfarça perfeitamente a commoção de meus soffrimentos, torno-me despota, quero captivar tudo á

minha vontade, já que nada posso alcançar para os meus desejos. Não vos importais com isso, não é assim? Pois ouvi-me o sonho.

Imaginei que foi depois de uma semana santa, nesses sete dias de contricção e respeito, quando a igreja de nossa religião celebra em suas pompas os mais sagrados mysterios da crença de nossos pais. Como todas as contraproduções desta mundo, vem immediatamente o reverso dessa medalha imponente pela severidade de sua representação, e pela religiosidade de suas inscripções. Annunciarão-se bailes mascarados, talvez que um pouco imprópriamente. O facto é que apesar de ter muitas vezes passado por elles indifferente, senti-me nesse dia arrastado por uma força superior, por uma fatalidade não sei se do Céu ou do inferno, a ir passar algumas horas nesse mundo de distracções. Fui ao theatro e entrei. E' preciso que o confesse; sou um pouco sem sabor para esse genero de divertimentos; felizmente appareceu-me um amigo, travou-me do braço e entrámos a passear pela salao entretidos em conversas frivolas. N'uma das voltas parei, e até um pouco bruscamente arrebatei o braço de meu collega, e obriguei-o a parar.

Era realmente estranho, uma attracção magnetica prendeu-me ao logar, immobilisou-me os olhos, tomou-me todas as sensações; então não ouvi mais o ruido da dança, das vozes, da musica; para mim só havia uma cousa de real, era uma dor aguda que traspassava-me o coração e um deslumbramento nos olhos, e um desejo na alma, intenso como o desespero de uma afflicção. Alguns poetas têm sentido o mesmo á vista do scintillar de uma estrella em uma noite serena. Mas eu, confesso, sentil-o-hia ao apparecimento de uma visão, trigueira como o Céu em horas do crepusculo, envolvida nas vestes ltuosas que denotão o dó, com a languidez da tristeza, e retratando nos olhos, a vivacidade das flores nas horas em que desponta o sol. Se eu a visse assim sempre... mas passou-se. Em resultado apenas uma insomnia dorida e afadigosa, um pensamento constante, uma tristeza indefinivel, um querer sem razão, um sonho sem fim e uma saudade eterna !

Estava indisposto talvez !... Ainda um baile na noite seguinte, estava longe, preso por obrigações irrecusaveis, as ave-marias tinham dado, e o coração pulava-me no peito, sentia difficuldade em respirar e estava inquieto como quem espera um sobresalto ou como um annuncio de grande desgraça. Vim porque em occasiões como essa, o coração não quer delongas, e o espirito torna-se inquieto até a insorffridão; cheguei, entrei no theatro palpitando de emoções, estremecendo... nem sei mesmo porque. Entrei pelo salão com a precipitação de um louco ou impolitico; as luzes parecião-me escuras apesar do gaz, porque eu suppunho que levava um véo nos olhos, corri o salão em um minuto, tudo para mim estava vazio.

Entristeci sem querer, andei em busca de um amigo que me distrahísse em conversas, appareceu-me um. Cheguei-me a elle immediatamente, de braços dados passeamos muito, e entre nós não

— 248 —

se havia ainda trocado uma palavra. Andámos distrahidos ambos, elle não sei em que, eu, decifrando nas taboas do assoalho as lettras todas do pensamento que me opprimia.

De repente, ainda como uma apparicão de encanto, uma fada poderosa, como um sylphomagico, appareceu-me inda ella! Dizem que as estrellas costumão mudar de logar, ella tambem o mudou. O que senti, não o sei explicar; mas, imprudente e quasi que em delirio, soltárão-me dos labios esta expressão de dôr e de alegria — é ella! Meu companheiro felizmente olhava para um outro lado: quem? perguntou-me. Aquella moça, disse-lhe eu apontando ao caso para um dominó que passava. Como sabes que é ella e não elle? Ainda esta pergunta importuna. Contárão-me, disse-lhe eu sonhando...

O que se passou depois pelo resto da noite não sei. Mas eu não podia afastar-me do meu supplicio, novo Tantalo amarrado ao meu rochedo. Tive sensações tão fortes, accessos de febre tão violentos, dores tão intimas que o coração estava-me no peito.

Ia acabar o baile, vi um movimento precursor de meu destino, annuncio do meu agouro, sahiu, acompanhei-a, e iria ao fim do mundo se ella lá habitasse.

Passárão-se muitos dias depois, e em cada um delles, a todas as horas do dia e da noite, eu ia procurar a minha estrellla do logar do céu aonde ella se occultava. Só uma nuvem pardacenta me apparecia sempre com a immobibilidade de um pedaço de pedra e com a frieza de um cadaver.

Assim se forão tantos dias!... E que de penas não curti! E depois de passado tanto tempo houve quem, sabendo, viesse torturar-me ainda com essa recordação pungente, com essa dor desesperadora. Foi esse o meu sonho desta noite, que veio acordar-me em sobresalto todas as lembranças que dormião em minha alma na madorna vigilante de um cançado prolongado. Eis ahi a razão por que estou triste; e agora que concebestes todas essas loucuras, imaginai que o heroe de nossa historia tem obrigação dar daqui a um instante o *Correio dos Salões*; que tem de dar noticias da quinzena que passou, e em contraprodução ainda a todo o romantismo de suas inspirações tem de descer ao prosaismo do noticiador correio, que é obrigado a dizer que a quadra friorenta que vai passando é a estação dos bailes e das partidas, que elles tem estado animados e floridos, que não ha novidades importantes, a não ser o crescimento do *Diario do Rio*, que vai tomando proporções gigantescas, e interessando a sua leitura; que o nosso

conhecido artista Malavasi vai dar brevemente um concerto no salão do Provisorio, e em seguida um baile no mesmo salão; que os theatros continuão concorridos, e que M.^{me} Charton ainda conquista applausos entusiasticos; que em breve vel-a-hemos na *Lucia*, não sei se com o tenor Gentile novamente contractado; oh! não é possível que se liguem nunca estes dous extremos, que essas contradicções se liguem, embora haja quem affirme que a poesia póde reunir-se á prosa; enfim, vereis se faça-lhes a distincção no seguinte *Correio*, hoje quero inda sonhar com a minha estrella!...

Benjamim.

Fandango.

É uma engraçada e voluptuosa dança, a respeito da qual se conta a seguinte anecdotas:

Magoada a côrte de Roma de ver uma nação tão considerada por seus austeros costumes e pela pureza da sua fé, conservar uma dança tão libidinosa, decidiu-se a prohibil-a sob pena de excommunhão. Reune-se para esse fim a inquisição; instaura-se o processo; vai proferir-se a sentença; quando um dos juizes exclama que é uma vergonha e uma injustiça condemnar à revelia, e propõe que o accusado se apresente ao tribunal: assim se faz: apparecem um dançarino e uma dançarina hespanhoes, com as suas competentes castanholas; ordena-lhes que dancem o fandango, o que elles executão com a maior graça e voluptuosidade; os inquisidores riem a principio, depois batem o compasso com pés e mãos, e acabão por dançar tambem o fandango, que é unanimemente absolvido pelos austeros e imparciaes juizes.

E se elles vissem dançar um lundû bem choradinho....!

Que de voltas não daria

O tremendo tribunal!

CHARADA.

Da musica 1

Da musica 1

Da musica 1

D'ímigas oppressões no captiveiro,

Sel-o aspira infeliz prisioneiro.

As charadas do n.º 50 são: 1.^a *Calvario*; 2.^a *Eulalia*; 3.^a *Felicio*.

Acompanha este n.º 51 uma estampa com figurinos de noiva, etc., e um padrão de bordados.

Typ. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.